

Grande Sinal

Grande Sinal

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE E PASTORAL

**ESPIRITUALIDADE
E MÍSTICA
NO SÉCULO XXI**

Vol. 74, n. 01, Jan./Jun. 2020

Vol. 74, n. 01, Jan./Jun. 2020



INSTITUTO TEOLÓGICO
FRANCISCANO

ISSN 1614-7230

USF
UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO



NOSSO TEMA

VIDA MÍSTICA NO COTIDIANO Os rostos de Deus

Fr. Martín Carbajo Núñez, OFM*
Roma – Itália

Resumo

À luz da exortação apostólica “*Gaudete et Exsultate*”, este artigo reflete sobre como desenvolver hoje uma vida mística na vida cotidiana. Nossa sociedade globalizada e hiper-conectada, cheia de apelos tecnológicos e consumistas, torna urgente a perene necessidade de encontrar a Deus no rosto de cada ser humano e em cada criatura. “Todos somos chamados a ser santos” e a ter uma visão contemplativa, “cada um onde quer que se encontre” (14). A primeira parte do artigo apresenta alguns traços da “espiritualidade da vida cotidiana”. A segunda parte estuda os rostos de Deus hoje, seguindo as quatro relações fundamentais do ser humano (Deus, si mesmo, outros, criação). Finalmente, na terceira parte, são oferecidas algumas indicações de como estabelecer relações humanas e humanizantes no ambiente digital, evitando a dicotomia entre o real e o virtual.

Palavras-chave: mística; santidade; contemplação; vida cotidiana; era digital.

* O autor é Doutor em Teologia Moral (Roma, Ac. Alfonsiana 1995-2001); em Comunicação Social (Univ. Gregoriana 1996-1998) e em Filologia Germânica (Inglês) (Univ. Santiago Compostela 1981-1986). Atualmente é professor em três centros universitários, sendo dois em Roma e um nos Estados Unidos.

Abstract

In the light of the Apostolic Exhortation “*Gaudete et Exsultate*”, this article reflects on how to live a mystical life today. Our globalized and hyper-connected society, full of technological and consumerist appeals, makes it even more necessary for us to find God in the face of every human being and in all creatures. “We are all called to be holy” and contemplatives, “in everything we do, wherever we find ourselves” (14). The first part of the article presents some traits of the “spirituality of everyday life”. The second part will focus on the faces of God today, following the four fundamental relationships of the human being (God, oneself, others, creation). Finally, in the third part, we will give some indications on how to establish human and humanizing relationships in the digital environment, avoiding the dichotomy between real and virtual worlds.

Keywords: Mysticism; Holiness; Contemplation; Ordinary life; Digital age.

“Todos somos chamados a ser santos” e a ter um olhar contemplativo, “onde cada um se encontra”¹. O crente, de fato, é aquele que vive com amor “nas ocupações de cada dia” (14), percebe o mundo como sacramento, espelho do invisível e, portanto, se sente movido à contemplação reverencial. Ele é um contemplativo que vê em todos os seres o poder, a sabedoria, a bondade e a beleza do Criador. Para ele, a realidade é teofânica².

Francisco de Assis era um místico que conseguia contemplar Deus no cotidiano, mesmo nos rostos desfigurados dos leprosos e dos abandonados. O seu encontro com o leproso o ajudou a discernir, transformou o seu modo de ver a realidade e o “conduz a fazer penitência”³. Esta experiência foi para ele tão decisiva que desejava que todos os seus frades vivessem por algum tempo nos hospitais para os leprosos⁴.

Hoje, o Papa Francisco nos convida a desenvolver a capacidade contemplativa de poder reconhecer em cada rosto, mesmo que desfigurado,

1. FRANCISCO. “*Gaudete et exsultate*. Exortação apostólica” (19.03.2018), [GE], n. 14, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana (LEV), 2018. No corpo do texto as citações da GE serão indicadas apenas com os números entre parênteses.

2. Este artigo tem sua origem em uma palestra que o autor apresentou no V Convegno Internazionale di Mistica Cristiana (Assis, 7-8.09.2019), que teve como tema geral: “Da santidade encarnada no hoje à mística presença do Senhor ressuscitado segundo a Exortação apostólica *Gaudete et exsultate*”.

3. FRANCESCO D’ASSISI. “Testamento”, [Test], n. 1-3, in *Fonti Francescane [FF]*, ed. Francescane, Padova et al. 2011³, 99-104, aqui 110.

4. “Compilazione di Assisi (Leggenda perugina)”, [Lp], n. 9, in *FF 873-997*.

“um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo” (98).

A minha exposição apresentará, em um primeiro momento, alguns traços da “espiritualidade do cotidiano”. Na segunda parte, falarei dos rostos de Deus hoje, seguindo as quatro relações fundamentais do ser humano (Deus, si mesmo, os outros, a criação). Por fim, na terceira parte, darei algumas indicações de como estabelecer relações humanas e humanizadoras no ambiente digital, evitando a dicotomia entre real e virtual.

1. UMA “ESPIRITUALIDADE DO COTIDIANO”

Boaventura de Bagnoregio afirma que o pecado obscureceu nosso olhar e nos fez perder a inocência original que nos tornava capazes de perceber imediatamente o reflexo da Trindade em cada criatura⁵. Temos necessidade de “maturar uma espiritualidade”⁶ e de uma mística que abra novamente os nossos olhos para ver o *Invisível* no cotidiano, afim de que possamos experimentar “a ligação íntima que há entre Deus e todos os seres” (LS 234).

Ao invés de acolher e contemplar, o atual paradigma tecnocrático prefere analisar, objetivar, dissecar. O outro não é reconhecido ou apreciado como um “você” único e irripetível. Na base desta incapacidade se encontra uma concepção antropológica dualista, que gera “uma radical separação entre os humanos e as outras formas de vida”⁷ (dualismo ôntico) e até divide o homem internamente, separando o corpo da dimensão espiritual/racional (dualismo ontológico). O corpo seria marginal à essência do ser humano e, portanto, subordinado. Isso nos leva a descrever o homem usando pares de termos contrastantes: “corpo/alma, racionalidade/afetividade, necessidade/liberdade, natureza/cultura, instinto/moral, etc.”⁸ O místico, ao contrário, conse-

5. Boaventura “nos ensina que *toda a criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária*, tão real que poderia ser contemplada espontaneamente, se o olhar do ser humano não estivesse limitado, obscurecido e fragilizado” LS 239.

6. FRANCISCO. “*Laudato Si'*. Carta encíclica” (24.05.2015) [LS], n. 240, in AAS 107 (2015) 847-945.

7. J.M. SCHAEFFER. *El fin de la excepción humana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009, 24

8. J.M. SCHAEFFER. *El fin de la excepción humana*, 25. No século XVII, Cartesio considera que a alma racional seria a essência do homem (*res cogitans*), enquanto o corpo seria apenas uma adição material. “Mon âme, par laquelle je suis ce que je suis, est entièrement et véritablement distincte de mon corps”. R. DESCARTES. *Oeuvres complètes et annexes*, Arvensa, Kindle ed., 2015, 224.

gue manter juntos, em harmonia, estes elementos que podem parecer opostos ou contrários.

A concepção antropológica dualista também se encontra na base do espiritualismo desencarnado que considera o mundo material como um obstáculo a ser superado, porque nos “de-têm”, bloqueia nossa peregrinação e dificulta a ascensão a Deus. Mais do que “coordenar” o que somos (alma e corpo), fala-se de “subordinar”, “subjugar”. O caminho da santidade exigiria o desprezo e a submissão do corpo, com a sensualidade e a materialidade conectadas a ele.

1.1. *Uma mística dos olhos abertos*

Para superar “estes dualismos combalidos que tiveram notável influência sobre alguns pensadores cristãos ao longo da história” (LS 98), devemos assumir uma “mística dos olhos abertos”⁹, tanto interna quanto externamente. O olhar exterior não pode ignorar a interioridade e vice-versa. Somente com um olhar contemplativo podemos perceber a complexidade do nosso mundo e descobrir o rosto de Deus nos rostos sofredores dos pobres e dos abandonados.

Abrindo-nos à diversidade, acolhemos o Deus Uno e Trino, fonte de toda unidade e de toda diferença. Trata-se sobretudo de ter um “coração que vê”¹⁰ e “que escuta” (1Rs 3,9), sempre pronto a assumir o olhar de Deus sobre a realidade. De fato, se o coração não muda, o esforço voluntarista dura pouco.

A mística do cotidiano concentra-se em relacionamentos normais e experiências cotidianas, a fim de “realizar ações ordinárias de maneira extraordinária”. Ela “cresce com pequenos gestos” (16) e está sempre unida à paixão contemplativa.

Não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem “uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” [...] nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia (LS 216).

9. J.B. METZ. *Mística degli occhi aperti. Per una spiritualità concreta e responsabile*. Brescia: Queriniana, 2013.

10. Cf. BENTO XVI. “*Deus caritas est*. Carta encíclica” (25.12.2005), [DC], n. 25, in *Acta Apostolicae Sedis, [AAS]*, 98 (2006) 217-252.

Portanto, não se trata de imitar modelos ideais e distantes, mas de crescer mediante pequenos gestos (16). A vida inteira é missão¹¹. Teresa de Lisieux entendia assim a santidade e assim a viveram tantas pessoas, “desconhecidas ou esquecidas” (12), que expressavam a sua fé através da piedade e da “mística popular” (EG 124)¹². Esta mística “acolhe, a seu modo, o Evangelho inteiro e encarna-o em expressões de oração, de fraternidade, de justiça, de luta e de festa” (EG 237).

1.2. A santidade se exerce na relação

O ser humano é intrinsecamente social e não pode “se encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” (GS 24)¹³. Portanto, deverá desenvolver as suas quatro relações fundamentais. Ele deve ser um místico do cotidiano, um contemplativo que sabe ouvir a Deus, a si mesmo, aos outros e à criação.

Não há identidade plena, sem pertença a um povo. Por isso, ninguém se salva sozinho, como indivíduo isolado, mas Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que se estabelecem na comunidade humana (6).

Em seu relacionamento com os outros, o ser humano se santifica quando se torna humilde e manso (1^a-2^a bem-aventurança), cheio de empatia para com o sofrimento alheio (3^a), comprometido na busca da justiça (4^a), misericordioso (5^a), puro de coração (6^a), artífice da paz (7^a), constante no cumprimento da própria missão (8^a). Deste modo, ele reforça os laços comunitários, cresce como pessoa e se reconcilia com a natureza.

A vida bem-aventurada é construída na relação compassiva, na caridade plenamente vivida (24), no olhar sempre voltado para o outro para entender e aliviar sua dor, até “sentir que as distâncias são superadas” (76). De fato, a comunhão com Cristo é inseparável da comunhão com os outros, especialmente os sofredores e os necessitados:

Quando os comungantes se mostram relutantes em deixar-se impelir a um compromisso a favor dos pobres e atribulados ou

11. GE 27; “Não é que a vida *tenha* uma missão, mas a vida é uma missão. A vida, em sua totalidade, não é um simples *factum*”. X. ZUBIRI. *Naturaleza, historia, Dios*. Madrid: Alianza editorial, 1999, 427.

12. FRANCISCO. “*Evangelii Gaudium*, Exortação apostólica” (24.11.2013) [EG].

13. PAULO VI. “*Gaudium et Spes*. Constituição pastoral” (07.12.1965), [GS].

consentem diferentes formas de divisão, desprezo e injustiça, recebem indignamente a Eucaristia. Ao contrário, as famílias, que se alimentam da Eucaristia com a disposição adequada, reforçam o seu desejo de fraternidade, o seu sentido social e o seu compromisso para com os necessitados¹⁴.

O ideal de santidade está sempre unido ao compromisso social pela libertação dos oprimidos (101) e à vida austera, alegre, que nos afasta do consumismo que anestesia as consciências.

2. OS ROSTOS DE DEUS

O desejo “de ver o rosto de Deus, está ínsito em cada homem, inclusive nos ateus”¹⁵. No Antigo Testamento, o crente deseja ver o rosto divino: “Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando entrarei para ver a face de Deus? (Sl 42,3). YHWH “tem um rosto, ou seja que é um ‘Tu’ que pode entrar em relação”¹⁶. De fato, “o Senhor falava frente a frente com Moisés, como alguém que fala com seu amigo” (Ex 33,11), embora, ao mesmo tempo, Deus lhe diga: “Não poderás ver minha face, porque ninguém me pode ver e permanecer vivo” (Ex 33,20). O conhecimento da fé foi então “associado com o ouvido”¹⁷. YHWH é o invisível, mas não é o ininteligível; não mostra o seu rosto¹⁸, mas faz sentir a sua voz.

O ouvido atesta não só a chamada pessoal e a obediência, mas também que a verdade se revela no tempo; a vista, por sua vez, oferece a visão plena de todo o percurso, permitindo situar-nos no grande projeto de Deus; sem tal visão, disporíamos apenas de fragmentos isolados de um todo desconhecido. [...] o Antigo Testamento combinou os dois tipos de conhecimento [...]. Isto tornou possível entabular diálogo com a cultura helenista [... que] uniu o conhecimento à visão (LF 29).

14. FRANCISCO. “*Amoris Laetitia*. Exortação apostólica pós-sinodal” (19.03.2016), [AL], n. 186, in AAS 108/4 (1.04.2016) 311-446.

15. BENTO XVI. “Audiência geral” (16.01.2013), in *Internet*: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130116.html.

16. BENTO XVI. “Audiência geral” (16.01.2013).

17. FRANCISCO. “*Lumen Fidei*. Carta encíclica” (29.5.2013), [LF], n. 29, in AAS 195 (2013) 555-596. “A fé está ligada à escuta” LF 8.

18. Ex 33,18-33; 24,10; Is 6,1.

A novidade do Novo Testamento é que Deus mostra o seu rosto no rosto de Jesus Cristo¹⁹. De fato, “para o quarto Evangelho, crer é ouvir e, ao mesmo tempo, ver” (LF 30).

2.1. A beleza do rosto de Cristo crucificado

Deus mostra o seu rosto em Cristo crucificado²⁰, “homem das dores” (Is 53,3), desfigurado, mas expressão perfeita da beleza gratuita e do amor desinteressado. “Ele é a plena manifestação da glória divina”²¹, “o mais belo entre os filhos do homem” (Sl 45,3), o “*sponsus speciosissimus et desiderabilis totus*”²². Ele mesmo afirma: “quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (Jo 12,32).

“A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi definitivamente revelado no mistério pascal” (SCa 35). A primeira beneficiária é Maria, imagem da Igreja, ícone da santidade, que “viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus” (176). Ela é “*tota pulchra*”, cheia de graça, beleza puríssima, modelo do homem novo em Cristo.

A imperfeição e as fraquezas de cada homem se tornam belas e quando são assumidas no mistério de Cristo. Nele as nossas feridas se tornam belas, as nossas feiúras são transfiguradas.

Precisamos recuperar a admiração frente ao mistério do “você”, superando o paradigma tecnocrático que tudo reduz a objeto conhecido e, portanto, dominado. Deus é sempre uma surpresa e a vida humana é sempre um mistério. Assim será possível construir “uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano” (EG 92).

Quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus (EG 272).

19. “A Deus ninguém nunca viu. O Filho Unigênito que está no seio do Pai foi quem no-lo deu a conhecer”. Jo 1,18.

20. “Pater, lux vigentissima; Filius, splendor pulcherrimus et fulgentissimus ; Spiritus sanctus, calor ardentissimus”. BONAVENTURA. “Collationes in Hexaëmeron”, c. XXI, 2, in ID., *Opera omnia*, [Quaracchi], 10 vols., Quaracchi: Typ. Collegii S. Bonaventurae, 1882-1902, V 431.

21. BENTO XVI. “*Sacramentum caritatis*. Exortação apostólica pós-sinodal” (22.02.2007), [SCa], n. 35, in AAS 99 (2007) 105-180.

22. BONAVENTURA. “Breviloquium”, [Brevil.], V c.6 (Quaracchi V 260a).

2.2. Santos com um rosto sempre feliz

A experiência e a certeza do amor divino, totalmente imerecido (125), levam a uma felicidade profunda, inquebrantável, cheia de esperança. A alegria, de fato, é um sinal de Graça, enquanto “o mau humor não é um sinal de santidade” (126). “Rechaça as penas do coração” (Ecl 11,10). Francisco de Assis admoestava que o servo de Deus quando está perturbado, “deve levantar-se imediatamente para rezar, e perseverar na oração por tanto tempo diante do Pai supremo até que ele lhe restitua a alegria de sua salvação”²³. Ele, de fato, “não deve se mostrar aos outros triste e carrancudo, mas sempre sereno”²⁴.

Papa Francisco confirma que a “palavra ‘feliz’ ou ‘bem-aventurado’ torna-se sinônimo de ‘santo’” (64). Portanto, ele convida a se alegrar e exultar (*Gaudete et exultate*), a acolher e proclamar a alegria do evangelho (*Evangelii Gaudium*) e a alegria do amor (*Amoris Laetitia*). Assim “vivia São Francisco de Assis, capaz de se comover de gratidão perante um pedaço de pão duro, ou de louvar, feliz, a Deus só pela brisa que acariciava o seu rosto” (127).

O santo é a pessoa das bem-aventuranças, aquele que, deixando-se transformar pela graça divina, torna-se plenamente e alcança a vida bem-aventurada. Reconhecendo a própria pobreza (1ª bem-aventurança), o santo experimenta a consolação do Deus misericordioso que acolhe a sua dor e enxuga as suas lágrimas (3ª). Esta experiência da gratuidade divina faz surgir nele a brandura (2ª), a sede de justiça (4ª) e a misericórdia (5ª), além de torná-lo consciente de ter um coração a ser purificado (6ª) e uma missão a cumprir (7ª). Assim, ele poderá sofrer injustiças sem perder a paz (8ª) e sem esquecer o propósito da própria vida.

2.3. Contemplar Cristo nos rostos dos pobres e sofredores

A contemplação do rosto de Cristo não pode se reduzir a uma experiência intimista. O crente deve “saber vê-Lo sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo Se quis identificar” (96); ou seja, no rosto dos pobres e dos sofredores.

23. CELANO. “Memoriale nel desiderio dell’anima [Vita seconda]”, [2*Cel*], n. 125, in *FF* 578-820, aqui 709.

24. 2*Cel* 128, in *FF* 802.

No mundo globalizado, também nós devemos descobrir Cristo no rosto dos pobres, dos imigrantes e dos estrangeiros. Papa Francisco, dirigindo-se aos religiosos, pediu “gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres”²⁵ e de generosidade para chegar às periferias existenciais. Todos precisamos recuperar a admiração frente ao mistério do “você” para poder perceber a profundidade da beleza do rosto de cada ser humano.

Graças à comunhão com Cristo pobre e crucificado, Francisco de Assis, se descobre irmão universal, mesmo em coisas aparentemente mais insignificantes e menos atraentes. “Contemplava, nas coisas belas, o Belíssimo”²⁶. Esta beleza não é puro esteticismo, nem “uma simples harmonia de formas”²⁷. No rosto dos leprosos, ele contempla o mistério de um Deus que se faz carne, presença humilde no mundo sensível, para tornar-se o “próximo” de todos, a partir dos últimos.

Deus chama todos à santidade, mas “cada um a seu modo”²⁸, porque cada um tem um rosto próprio, único e irrepetível. Não se trata, portanto, de olhar fixamente os santos para copiar cegamente o seu modo de proceder, mas de olhar com os santos na mesma direção. Cada um tem o próprio caminho e não deve se esgotar imitando sem discernimento algo que não foi pensado para ele (11).

Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor pre-dispôs para nós. Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal (11).

2.4. O rosto da criação

Teilhard de Chardin afirmou que “a terra possui uma fisionomia, uma face, um rosto”, e “chegará um momento em que todos os seres que a habitam terão um coração e uma só alma”²⁹. O místico consegue

25. FRANCISCO. “Carta apostólica a todos os consagrados” (21.11.2014), n. II, 4, in AAS 106 (2014) 935-947.

26. BONAVENTURA. “Leggenda Maggiore”, [LM], n. 9,1, in FF 1020-1329, aqui 1162.

27. BENTO XVI. “*Sacramentum caritatis*. Exortação apostólica pós-sinodal” (22.02.2007), [SCa], n. 35, in AAS 99 (2007) 105-180.

28. CONCÍLIO VATICANO II. “*Lumen Gentium*. Constituição dogmática” (21.11.1964), [LG], n. 10, in AAS 57 (1965) 5-71.

29. Teilhard de CHARDIN. *The Vision of the Past*. London: Collins, 1966, 26 e 45 [Tradução do autor].

perceber que as criaturas estão cheias de palavras de amor (LS 225), que nos falam “sem que se ouça a sua voz” (Sl 19,4).

Precisamos contemplar o rosto sofredor da terra, ferido pelo nosso egoísmo, desfigurado pela exploração ditada por propósitos puramente econômicos. Imersos no atual paradigma tecnocrático, perdemos a abertura para o espanto e a admiração e já “deixamos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo” (LS 11).

A ciência teve início graças aos homens que amavam o mundo, que admiravam a beleza das estrelas e do mar, dos ventos e das montanhas. Porque amavam todas aquelas coisas, os seus pensamentos se ocupavam delas e queriam compreendê-las mais intimamente do que a simples observação exterior pode permitir. “O mundo – disse Heráclito – é um fogo sempre vivo”. Heráclito e os outros filósofos jônicos, dos quais surge o primeiro impulso ao conhecimento científico, sentiram a estranha beleza do mundo quase como uma loucura, no sangue. [...] Mas, pouco a pouco, o impulso-poder dominou completamente o impulso-amor³⁰.

A Tradição franciscana considera que a verdadeira sabedoria (saber, “sabor”) sempre anda junto da misericórdia³¹, da “*delectatio*” e da fruição amorosa do Amado³². O mistério de Deus, do homem e do mundo é antes de tudo algo a ser provado e vivido. Deus não se revelou para aumentar o nosso conhecimento, mas para entrar em relação amorosa conosco.

Neste perspectiva, o conhecer é “re-conhecer”, abrir-se ao mistério, crescer em sabedoria e capacidade de amar. Como diz Bento XVI, “não aparece a inteligência e depois o amor: há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor”³³; ou seja, o conhecimento está sempre aberto ao amor e o amor é sempre capaz de conhecer. De fato, “onde a razão já não vê, o amor vê”³⁴.

30. B. RUSSELL. *La perspectiva científica*. Barcelona: Ariel, 1975, 215-216.

31. “Misericordia amica est sapientiae”. BONAVENTURA. “Collationes de septem donis Spiritus Sanctis”, c.9,15 (*Quaracchi* V 502b).

32. “Quod delectat animam, delectat in ratione boni et pulcri; et quoniam solus Deus est ipsa bonitas et pulcritudo, ideo in Deo solo es perfecta delectatio. BONAVENTURA. “Commentaria in I librum Sententiarum” [*ISent.*], d.1 a.3 q.2 (*Quaracchi* I 41a). Sobre o primado da vida afetiva em Boaventura: V. BATTAGLIA. *Sentimenti e bellezza del Signore Gesù. Cristologia e contemplazione* 3. Bologna: EDB, 2011, 45-49.

33. BENTO XVI. “*Caritas in veritate*. Carta encíclica” (29.06.2009), [CV], n. 30, in AAS 101 (2009), 641-709. “Non est perfecta cognitio sine dilectione, ergo ne perfectum verbum sine amore” [*ISent.* d.10 a.1 q.2 f.1 (*Quaracchi* I 197a)

34. BENTO XVI. “Audiência geral” (17.03.2010), n. 2, in *Insegnamenti di Benedetto XVI*, VI, 1 (2011) 344.

O conhecimento que procede dos sentidos e da inteligência reduz, mas não elimina, a distância entre o sujeito e o objeto, entre o eu e o tu. Ao contrário, o amor produz atração e comunhão, chegando a alcançar uma transformação e uma assimilação entre o sujeito que ama e o objeto amado. Esta reciprocidade de afeto e de simpatia permite então um conhecimento muito mais profundo do que é realizado pela razão. Explica-se assim uma célebre expressão de Guilherme: “*Amor ipse intellectus est* – já em si mesmo o amor é princípio de conhecimento”. [...] Sem uma certa simpatia não se conhece ninguém nem nada!³⁵.

3. DESCOBRIR OS ROSTOS DE DEUS NA CULTURA DIGITAL

Os *media*, “os motores de pesquisa e as redes sociais são o ponto de partida da comunicação para muitas pessoas”³⁶, ao ponto de se tornar “parte constitutiva das relações interpessoais”³⁷. Eles fortalecem os vínculos fraternos da família humana, favorecem a solidariedade e o respeito à diversidade. Graças a eles, o mundo está se tornando uma “aldeia global”, onde podemos conhecer os rostos de pessoas distantes e interagir com elas.

No entanto, os *media* também podem favorecer o fechamento em si mesmo, uma vez que oferecem um espaço doméstico onde se pode fugir do cansaço das relações face a face. “À semelhança do profeta Jonas, sempre permanece latente em nós a tentação de fugir para um lugar seguro, que pode ter muitos nomes” (134), entre os quais podemos incluir o âmbito virtual. Os *media* propõem “o entretenimento, o prazer, a distração, o divertimento” e, portanto, pode nos levar a ignorar o sofrimento dos outros, porque “o mundo não quer chorar” (75).

3.1. A dificuldade de sair de si para ir em direção aos outros

“As novidades contínuas dos meios tecnológicos, o fascínio de viajar, as inúmeras ofertas de consumo, às vezes, não deixam espaços

35. BENTO XVI. “Audiência geral” (2.12.2009), in *L'Osservatore Romano* [OR] (3.12.2009) 1.

36. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais [citaremos DMCS] 2012, in AAS 104 (2012) 112-115.

37. DMCS 2008, n. 1. “De fato, não existe âmbito da experiência humana, “onde os *media* não se tenham tornado parte constitutiva das relações interpessoais e dos processos sociais, econômicos, políticos e religiosos”. DMCS 2008, n. 1.

vazios onde ressoe a voz de Deus (29). A dificuldade de se abrir a Deus também se manifesta no difícil encontro com os irmãos. É paradoxal que precisamente os usuários que utilizam as novas tecnologias com mais frequência sejam os menos empáticos³⁸. Isto confirma que a tecnologia facilita o contato, mas não pode garantir a empatia, que pertence à dimensão antropológica da comunicação. Assim, perde-se uma dimensão fundamental da vida humana, que só “tem sentido socorrendo o outro na sua aflição, compreendendo a angústia alheia, aliviando os outros” (76).

Não podemos nos colocar na atitude de sair de nós mesmos para ir para o outro sem cultivar a nossa vida interior; sem ter “momentos de quietude, solidão e silêncio” (29), “para acalmar ansiedades e recompor o conjunto da própria vida à luz de Deus” (171). No entanto, a contemplação pode ser experimentada “mesmo no meio da ação” (26). Além disso, o silêncio não deve ser usado como uma desculpa para “evitar o encontro com o outro”. Francisco de Assis, de fato, censurou o irmão taciturno que, sob a aparência de santidade, escondia um grande fechamento interior ao Outro e aos outros, até o ponto de nem ser capaz de se aproximar do sacramento da reconciliação³⁹.

3.2. *Ser você mesmo*

Estamos em um “mundo acelerado, volúvel e agressivo” (112), no qual “tudo se enche de palavras, prazeres epidérmicos e rumores a uma velocidade cada vez maior” (29). Esta velocidade dificulta “uma expressão equilibrada e correta de si mesmo” (DMCS 2014).

Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um *zapping* constante. É possível navegar simultaneamente em dois ou três visores e interagir ao mesmo tempo em diferentes cenários virtuais. Sem a sapiência do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião (167).

Em meio a um contínuo bombardeio de dados e estímulos, precisamos “recuperar um espaço pessoal” de silêncio e oração (171), para

38. Sobre o rápido declínio da empatia entre os estudantes universitários, especialmente de 2001 em diante: S. KONRATH; E.H. O'BRIEN; C. HSING. “Changes in Dispositional Empathy in American College Students over Time: a Meta-analysis”, in *Personality and Social Psychology Review* 15/2 (2011) 180-198.

39. “Compilazione di Assisi (Leggenda perugina)”, [CAss], n. 91, in *FF* 1545-1676, aqui 1647.

poder “encarar a verdade de nós mesmos” (29). Assim seremos capazes de viver do essencial, acolhendo o limite, a ausência de respostas e até mesmo as humilhações⁴⁰. “Trata-se de um caminho para imitar Jesus e crescer na união com Ele” (120). Neste processo, longo e trabalhoso, devemos estar atentos para não errar o caminho:

Muitos há que, insistindo em orações e serviços, fazem muitas abstinências e macerações em seus corpos, mas, por causa de uma única palavra que lhes parece ser uma injúria a seu próprio eu ou por causa de alguma coisa que se lhes tire, sempre se escandalizam e se perturbam. Estes não são pobres de espírito, porque quem é verdadeiramente pobre de espírito se odeia a si mesmo e ama a quem lhe bate na face⁴¹.

3.3. Os rostos da fraternidade digital

Muitas pessoas “interagem muitas vezes dentro de ambientes digitais homogêneos e impermeáveis a perspectivas e opiniões divergentes” (DMCS 2018, n. 1). Esta falta de abertura à diversidade é reforçada pelo “consumo de informação superficial” e pelas formas de comunicação rápida e virtual, que “podem ser um fator de estonteamento que ocupa todo o nosso tempo e nos afasta da carne sofredora dos irmãos” (108).

Quando o contato direto com o outro e com a natureza é substituído por dispositivos e telas, os abusos, os boatos e as calúnias são mais fáceis.

Também os cristãos podem fazer parte de redes de violência verbal através da internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital. Mesmo nos *media* católicos, é possível ultrapassar os limites [...]. Gera-se, assim, um dualismo perigoso, porque, nestas redes, dizem-se coisas que não seriam toleráveis na vida pública e procura-se compensar as próprias insatisfações descarregando furiosamente os desejos de vingança (115).

O santo, ao contrário, “não gasta as suas energias a lamentar-se dos erros alheios, é capaz de guardar silêncio sobre os defeitos dos seus irmãos e evita a violência verbal que destrói e maltrata” (116).

40. “Se não fores capaz de suportar e oferecer a Deus algumas humilhações, não és humilde nem estás no caminho da santidade” (118).

41. FRANCESCO D’ASSISI. “Ammonizioni”, [Adm], n. 14, in FF 141-178, aqui 163.

3.4. Falamos sobre a natureza sem olhar para ela

A ecologia não pode ser reduzida a um ambientalismo “verde”, entendido como estranho à dinâmica social e à interação humana. Infelizmente, “a natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere” (LS 76). Também os profissionais dos *media* podem estar muito distantes da realidade concreta sobre a qual informam.

Muitos profissionais, formadores de opinião, meios de comunicação e centros de poder estão localizados longe deles, em áreas urbanas isoladas, sem ter contato direto com os seus problemas. [...] Esta falta de contato físico e de encontro, às vezes favorecida pela fragmentação das nossas cidades, ajuda a cauterizar a consciência e a ignorar parte da realidade em análises tendenciosas (LS 49).

A distância física dos outros geralmente leva a um discurso “verde”, fragmentado e insensível ao sofrimento dos pobres. Ao contrário, “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social” (LS 49), uma vez que tudo está conectado. Na verdade, “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (LS 8).

O olhar místico nos permite retomar a contemplação do mundo como “um mistério gozoso” que nos leva à alegria e ao louvor (LS 12). O místico, de fato, experimenta a íntima ligação que existe entre Deus e todos os seres, e assim “sente que Deus é para ele todas as coisas” (LS 234). Sem esta abertura mística, “as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais” (LS 11).

CONCLUSÃO

À luz da Exortação apostólica “*Gaudete et Exsultate*”, sobretudo do número 98, analisamos a vida mística no cotidiano no contexto da nossa sociedade midiática e globalizada. O encontro com os rostos de Deus na vida cotidiana assumiu, hoje, características particulares, porque já estamos na aldeia global preconizada por McLuhan⁴² e porque “hoje, o ambiente dos *mass-media* é tão invasivo que já não se con-

42. M. MCLUHAN; B.R. POWERS. *Il villaggio globale: XXI secolo, trasformazioni nella vita e nei media*. Milano: SugarCo., 1998.

segue separar do círculo da vida quotidiana”⁴³. Estamos todos imersos neste ecossistema midiático, que é como uma atmosfera, um ambiente “que nos envolve e nos penetra por todos os lados”⁴⁴. Essas tecnologias, se usadas sabiamente, “podem contribuir para satisfazer o desejo de sentido, verdade e unidade que permanece a aspiração mais profunda do ser humano” (DMCS 2011).

As migrações e o turismo possibilitam o encontro de perto com muitos rostos diferentes no mundo físico, enquanto os *media* digitais nos permitem estar sempre *online*, aumentando assim “as possibilidades de confronto fecundo e enriquecimento mútuo”⁴⁵. O sujeito deve se esforçar para tecer uma continuidade entre a dinâmica relacional que ele desenvolve na esfera física e a que ele desenvolve na esfera digital, de tal modo que a sua comunicação seja sempre integral e definida “em termos de proximidade, de encontro” (DMCS 2014).

“A santidade é *parresia*: é ousadia” (129). Deus nos empurra continuamente a sair da mediocridade para ir às periferias e às fronteiras (138). Para que este programa de vida e de testemunho seja efetivo e eficaz, sempre precisamos confiar na inspiração e orientação do Espírito Santo, invocando dEle a efusão dos seus dons, e especialmente o dom da sabedoria que nos torna capazes de discernir os “sinais dos tempos” e de implementar escolhas coerentes com o Evangelho de Jesus Cristo.

Em um mundo hiper-conectado, cheio de apelos tecnológicos e de consumo, precisamos cultivar a capacidade de “saborear o valor do silêncio e da contemplação”⁴⁶. Assumindo uma vida mística do cotidiano, seremos capazes de encontrar Deus nos rostos dos seres humanos e em todas as criaturas, enquanto preparamos ativamente a vinda dos novos céus e da nova terra (cf. 2Pd 3,13).

Tradução de
Neuci Lopes da Silva

43. DMCS 2019, in *OR* 20 (25.1.2019) 8.

44. C.M. MARTINI. “Carta pastoral “*Il lembo del mantello*”: per un incontro tra Chiesa e mass media”, Milano: Centro Ambrosiano, 1991, 12; DMCS 2019, in *OR* 20 (25.1.2019) 8.

45. XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, [=DP], *Documento preparatório: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, [DP], c.I, §1, 15, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana (LEV), 2016.

46. DP c.III, §4, 60-61.